

ARTE NO PENSAMENTO DE HEIDEGGER

Acylene Maria Cabral Ferreira *

1.

Pensar sobre o tema da arte implica, entre outras coisas, na reflexão sobre a obra de arte, sobre o quê a caracteriza como obra de arte, sua proveniência, mistério e beleza, sobre a criação, o artista e o artístico. Heidegger refletiu sobre essas questões, sobretudo, em seu texto “A origem da obra de arte” e mostrou que a reflexão filosófica sobre o caráter de arte da obra implica, antes, no estabelecimento da correlação entre arte e verdade, pois, para ele, é próprio da arte comunicar modos de ser do mundo e do homem como expressão do acontecimento da verdade do ser e do ente. Nessa perspectiva, a arte encontra-se, intrinsecamente, relacionada com a ontologia. Sendo assim, partiremos da correlação entre arte, verdade e ontologia, como princípio essencial, para refletirmos sobre a arte no pensamento de Heidegger e para mostrarmos em que medida a arte espelha a estrutura da verdade e reflete a mundanização do mundo, ou seja, como a arte guarda em si a possibilidade tanto do desvelamento do ser para o mundo quanto da manifestação da historicidade do homem. Na medida em que partilhemos dessas considerações, podemos afirmar que a arte é um modo de experiência do ser e de interseção entre homem e ser e, por isto, ela é um modo originário de expressão do ser. Por quê?

Quanto à sua comunicação o ser é imanente ao homem, e não alguma coisa em separado dele, como um processo que se desenvolve por si. Mas, simultaneamente, o ser transcende o homem na medida em que ele se retira na comunicação ou se reserva, e na medida em que sua singularidade se mantém através de suas numerosas mensagens, permanece o sempre outro, perdura através de suas idas e vindas.¹

Em sua imanência com o ser, o homem realiza a concreção de sua existência e efetiva a constituição do mundo. Donde podemos dizer que, na imanência entre ser e homem, o ser é o fundamento de tudo isto que é; ou seja, que a constituição ontológica de homem

* Professora do Departamento de Filosofia da UFBA.

¹ LOTZ, J. B. *Martin Heidegger et Thomas D'Aquin*. Paris: PUF, 1988, p. 55.

e mundo depende da imanência entre homem e ser. Mas na medida em que o ser é imanente ao homem, simultaneamente, ele transcende o homem. Se em sua imanência o ser aparece como fundamento do homem e do mundo então em sua transcendência podemos considerá-lo como o não-fundamento, o abismo, no qual homem e mundo podem projetar-se para tornarem isto que eles têm a possibilidade de ser, para fundar-se em um ou outro modo de ser e assim tornar o ente que eles são. Nesse sentido, a copertença da imanência e da transcendência entre ser e homem corresponde a copertença entre ser e ente, denominada por Heidegger de diferença ontológica. Diante dessa remissão, devemos ressaltar que a diferença ontológica opera como um *leitmotiv* no pensamento heideggeriano, fazendo-se presente, como pano de fundo, em muitas outras questões desenvolvidas pelo filósofo como, por exemplo, na copertença e diferença entre fundação e fundamentação, não-verdade e verdade. Vejamos, então, como a diferença ontológica subjaz a estas questões e como podemos relacioná-las com a arte.

A presença da diferença ontológica na copertença da imanência e transcendência entre fundação e fundamentação, consiste em que a fundamentação, enquanto exposição dos modos de ser de homem e mundo, acontece na medida em que ela dispõe de uma abertura para fundamentar e instituir os modos de ser dos entes. Essa abertura, que possibilita a fundamentação dos entes e a doação dos acontecimentos é a fundação. Como a fundação possibilita a fundamentação? A fundação funda os acontecimentos dos modos de ser porque, no momento da fundamentação dos entes, ela se retira dando lugar para a vigência da fundamentação dos acontecimentos dos modos de ser de homem e de mundo. Logo, a copertença entre fundação e fundamentação é possível porque a fundação tem o caráter de retirada, o qual implica no caráter de conservação de si, já que no momento em que ela se retira e a fundamentação acontece e ganha vigência, a fundação conserva-se em si como retirada, quer dizer, como a abertura que ela é. Porém, como a fundamentação dos entes acontece se o caráter de retirada da fundação corresponde ao caráter de conservação de si? Ora, para respondermos a essa pergunta e mostrarmos como a fundação funda acontecimentos e ao mesmo tempo conserva-se enquanto tal, teríamos que considerarmos a fundação como o não fundamento, porque somente aquilo que não tem fundamento pode fundamentar-se. Por sua vez, nomeamos o não fundamento, a abertura sem fundo na qual tudo pode acontecer, de abismo. Nesse caso, o caráter de conservar-se em si da fundação consiste,

justamente, em seu caráter de abismo, visto que somente o não fundamento permite o surgimento da fundamentação dos acontecimentos de homem e mundo. Esta afirmação remete-nos para uma outra de mesma natureza: a imanência entre fundação e fundamentação está no caráter de não fundamento inerente a fundação, pois, como vimos, a fundamentação somente pode acontecer no abismo, no sem fundo, e a fundação somente pode fundar modos de ser dos entes na medida em que for não fundamento. O abismo, em seu caráter de imanência entre fundação e fundamentação, remete-nos para o caráter de transcendência entre fundação e fundamentação, ou seja, na medida em que o abismo possibilita a fundamentação dos acontecimentos de mundo e homem, ele caracteriza-se como aquela instância que projeta o ser para o aberto e libera os entes para a fundamentação dos acontecimentos da verdade do ser e do ente. Assim a transcendência entre fundação e fundamentação está na fundação da verdade de homem e mundo. Na medida em que a fundação é conservação no sentido do abismo, do sem fundo, e a fundamentação é a vigência dos acontecimentos dos entes, podemos afirmar que na copertença da imanência e transcendência entre fundamentação e fundação encontra-se presente a noção de diferença ontológica, visto que nela a vigência do ser encontra-se nos entes e a subsistência desses encontra-se no ser.

Essas considerações sobre a copertença da imanência e transcendência entre fundamentação e fundação como originária do pensamento da diferença ontológica, facilita-nos a reflexão sobre a copertença da imanência e transcendência entre a não-verdade e a verdade como um outro modo para pensar a diferença ontológica enquanto *leitmotiv* do pensamento de Heidegger. Para melhor entendimento dessa copertença, faremos uma correlação entre os pares da imanência e transcendência da fundação e fundamentação com o da não-verdade e verdade, com o intuito de estabelecer a copertinência entre esses pares com a diferença ontológica. Nosso objetivo com essa reflexão é construir assertivas para pensar a relação entre verdade e ontologia com a finalidade de mostrar porque a arte, no pensamento de Heidegger, está intimamente interligada com a verdade e com a ontologia.

A copertinência entre fundação, fundamentação, verdade e não-verdade em certa medida já encontra-se implícita em nossas considerações anteriores, por isto retomaremos algumas delas para estabelecermos a copertinência entre verdade e não-verdade, que nos conduzirá ao entendimento da relação entre arte, verdade e ontologia

no pensamento de Heidegger. Portanto, imediatamente correlacionaremos a não-verdade com a fundação, e a verdade com a fundamentação, pois, como vimos, a verdade do ser e do ente somente acontece no abismo, no não fundamento. Nesse sentido, podemos afirmar que a verdade acontece na não-verdade, ou seja, somente nela a verdade torna-se vigente enquanto fundamentação dos acontecimentos de homem e mundo. Dizemos então que a fundamentação e a verdade ganham sua vigência com a retirada da fundação e da não-verdade, por este motivo, dizemos que o caráter de retirada da não-verdade e da fundação tem o caráter de velamento. Por outro lado, na medida em que a fundamentação e a verdade desvelam e expõem os acontecimentos de ser e ente enquanto modos de ser do homem e do mundo, elas apresentam o caráter de desvelamento, o qual se contrapõe ao caráter de velamento da fundação e da não-verdade. Essa contra-posição entre velamento e desvelamento é importante para nós, porque é justamente ela que nos permitirá mostrar a correlação da copertença entre fundação e fundamentação e entre verdade e não-verdade com a diferença ontológica. Por quê? Pelo fato de a noção de diferença ontológica, na qual acontece a copertença e a diferença entre ser e ente, guardar também em si a contraposição de desvelamento e velamento, isto é, porque na diferença ontológica o ser desvela-se enquanto ser, ao mesmo tempo em que se vela e efetiva a fundação do ente enquanto ente, propiciando a fundamentação da verdade enquanto modos de ser do homem e do mundo. A constituição do conceito de diferença ontológica levou Heidegger a afirmar que do ser somente podemos fazer experiência, sendo impossível dizermos que ele é, pois quando afirmamos que alguma coisa é, estamos referindo-nos ao ente em seu ser e não ao ser enquanto ser. Apenas na medida em que limitamo-nos a fazer a experiência do ser, podemos tratá-lo enquanto tal e referirmo-nos a sua verdade.

Assim da imanência e transcendência entre fundação e fundamentação, não-verdade e verdade e de sua correlação com a diferença ontológica decorre a imanência e a transcendência entre ser e homem, da qual origina-se a constituição ontológica de homem e mundo, ou seja, a efetivação dos modos de ser da existência do homem e a descoberta dos modos de ser do mundo. Para discutirmos a imanência e a transcendência do homem ao ser será necessário partirmos do limite que é o ser para o homem, qual seja, dele somente temos experiência, quando o expressamos, o fazemos através dos entes e quando referimo-nos ao ente enquanto ente, fazemo-lo através do ser. Portanto, em sua imanência com o ser, o homem faz a experiência do ser e em sua

transcendência com o ser, o homem fundamenta a si e ao mundo. Logo, da imanência e transcendência entre ser e homem temos a fundação como experiência do ser e a fundamentação como constituição ontológica de homem e mundo. Na medida em que o homem, como fundado, expressa o ser como fundamento disto que é, ele instaura um mundo e edifica sua historicidade. “O homem torna-se no experienciar, o que ele expressa de si, a partir de cada necessidade, mediante a qual ele constata-se como cada outro”.² O homem expressa de si e do mundo a experiência que fez do ser. A expressão que o homem comunica sobre quem ele é e sobre o que o mundo é, espelha e reflete os diversos modos de ser do homem e do mundo que, em nosso cotidiano e em nossa convivência, são vistos como acontecimentos da verdade do ser e do ente. “O ser é por essência fundação, na medida em que a liberdade o *projeta* como mundo, nela está fundado todo ente, porque sua manifestabilidade se enraíza no ser; somente no ser o ente aparece como ente.”³ A copertença da imanência e transcendência entre fundação e fundamentação, não-verdade e verdade permitiu-nos estabelecer a relação recíproca e necessária entre homem e ser, donde origina-se a verdade do ser e do ente. Por que o ser como fundação projeta-se como mundo e expõe a verdade do ser e do ente?

Desvelar significa trazer ao descobrimento: conservar o desvelado no desvelamento. [...] A verdade é contra o velamento porque ela essencializa o velamento no desvelado. Esse contra é nele mesmo uma luta a partir da qual a verdade é, e a partir da qual ela se inicia. [...] O desvelar é o deixar aparecer no aberto ou o que já é livre a partir de si. A essência velada do aberto enquanto o abrir-se inicial é a liberdade.⁴

Na medida em que essa citação de Heidegger estabelece uma relação de reciprocidade entre a verdade, o desvelamento, o aberto e a liberdade e afirma que o desvelar é o livre e a liberdade o aberto no qual a verdade se dá como acontecimento de homem e mundo, ela ajuda-nos a esclarecer porque o ser, como fundação, projeta-se como mundo. Pois, dizer que o ser é fundação, ou seja, é o abismo enquanto o sem fundo, significa dizer que o ser é livre e está aberto para as vicissitudes de homem e mundo. Nesse sentido, podemos correlacionar o ser com a liberdade: a abertura que responde pela constituição ontológica de homem e mundo e enquanto tal projeta a verdade enquanto desvelamento do acontecimento de ser e ente. A liberdade é assim a possibilidade de acontecimento do ser e do ente como verdade e não-verdade. Por que a reflexão sobre a arte, no

² HEIDEGGER, M. *Schelling: vom Wesen der menschlichen Freiheit (1809)*. Frankfurt: V. Klostermann, 1988, p. 284.

³ LOTZ, ibidem, p. 49.

⁴ HEIDEGGER, M. *Parmênides*. Frankfurt: V. Klostermann, 1982, p. 198, 199, 213.

pensamento de Heidegger, conduziu-nos para a reflexão sobre verdade, liberdade e acontecimento do ser e do ente? Porque, para Heidegger, “a arte é histórica no sentido essencial [... visto que] deixa a verdade brotar. A arte, enquanto um conservar que funda, deixa brotar a verdade do ente na obra.”⁵

2.

Discutimos, inicialmente, a copertença da imanência e transcendência entre fundação e fundamentação, homem e ser e entre verdade e não-verdade, com o objetivo de facilitar o entendimento acerca do pensamento de Heidegger sobre a arte e mostrar porque para ele “a arte é histórica e deixa a verdade brotar.” A reflexão sobre tais copertenças permitiu-nos ainda mostrar que a arte, da mesma forma que a fundação, consiste em um conservar que funda, quer dizer, que a arte é a abertura livre que projeta o ser para o mundo e, portanto, fundamenta os modos de ser de homem e mundo. Nesse sentido, ela é fundamentação, e enquanto tal expressa acontecimentos históricos e expõe a verdade do ser e do ente. Assim é próprio da arte desvelar a verdade de uma época histórica. Por este motivo, nomeamos a arte de moderna, contemporânea etc. Porque a arte funda a historicidade do homem e fundamenta a história do mundo, como o faz, por exemplo, a arte rupestre, dizemos que ela é epocal. Sob essa perspectiva, podemos afirmar que a arte é originária da copertença da imanência e transcendência entre homem e ser, fundação e fundamentação, não-verdade e verdade, e que devido a essa copertinência ela funda modos de ser do homem e do mundo e fundamenta a verdade do ser e do ente. “A arte é um tornar e um acontecer da verdade.”⁶ Por que a arte expõe a verdade como acontecimento do ser? Em que sentido a copertença da arte e verdade relaciona-se com a história? Vimos que a arte é um conservar que funda, isto é, que projeta e libera homem e mundo para sua verdade. Resta-nos, então, perguntar: em que medida a arte concerne ao projeto e a liberdade?

Para refletirmos sobre a relação da arte com a verdade, história, liberdade e projeto, devemos, primeiramente, esclarecer como a verdade acontece. “A essência da verdade consiste no combate originário entre clareira e velamento”⁷, o qual, por sua vez, origina-se da copertença da imanência e transcendência entre fundação e fundamentação

⁵ Idem. *Der Ursprung des Kunstwerkes*. In: *Holzwege*. Frankfurt: V. Klostermann, 1963, p.64.

⁶ *Ibidem*, p.59.

⁷ *Ibidem*, p. 43.

através do jogo do retirar-se e conservar-se do velamento para a liberação do desvelamento dos modos de ser do homem e do mundo. Dessa maneira, a verdade, como acontecimento do ser e fundamentação do mundo, origina-se do combate entre clareira e velamento, originário da copertença da imanência e transcendência entre fundação e fundamentação, o qual corresponde ao combate originário entre velamento e desvelamento inerente a copertença da imanência e transcendência entre homem e ser. Retomando, mais uma vez, a copertença da imanência e transcendência entre a fundamentação e a fundação e os combates originários de clareira e velamento e desvelamento e velamento, nesse momento com o intuito de pensarmos a relação entre arte e verdade, podemos correlacionar a fundamentação ao combate originário entre velamento e desvelamento, e a fundação ao combate originário entre clareira e velamento. Tal correlação sugere que o combate originário entre velamento e desvelamento diz o acontecimento ou a verdade do ser e o combate originário entre clareira e velamento, reflete o abismo como abertura ou liberdade que projeta o ser como mundo na arte. Donde podemos inferir que a relação entre arte e verdade, consiste em que a verdade aparece como a fundamentação concernente ao combate originário entre desvelamento e velamento, e a arte diz respeito a fundação inerente ao combate originário entre clareira e velamento. Por quê? Pelo fato de a arte responder pela abertura que acolhe a verdade do homem e do mundo, tornando-se histórica e, portanto, inaugural em sentido essencial, ou seja, na medida em que a arte é abertura e institui a verdade como acontecimentos dos modos de ser do homem e do mundo, ela funda a historicidade do homem e a história do mundo. Eis aqui a relação da arte com a verdade e a história. Em nossa correlação da arte com a copertença da imanência e transcendência entre fundação e fundamentação, vimos que a arte é abertura que funda acontecimentos históricos. No entanto, anteriormente, vimos que a abertura corresponde a liberdade que projeta o acontecimento do ser para o mundo. Nesta perspectiva, podemos então afirmar que a arte corresponde a liberdade, visto que inaugura e instala modos de ser do homem e do mundo.

Ainda dentro da correlação da arte e da verdade com os combates originários entre desvelamento e velamento e entre clareira e velamento, podemos avançar em nossa reflexão sobre a arte correlacionando-a com noção de clareira, enquanto a abertura na qual a verdade do mundo é projetada como possibilidade de ser. Tal correlação permitiu-nos dizer, que a arte abre e projeta o ser para o acontecimento do mundo e libera a

proveniência da manifestação do ser em acontecimentos históricos. Isto significa que a arte dá sentido e funda a verdade do ser e do ente. A conquista da verdade do ser e do ente, inaugurada pela arte, como clareira e abertura, tem o caráter de fundação, enquanto abismo, por isto a arte projeta e libera o ser como desvelamento do mundo. Esta afirmação leva-nos a seguinte: a relação da arte e da verdade com o projeto e a liberdade consiste em que a arte é a abertura, enquanto liberdade, que projeta a verdade do ser para o mundo.

Referimo-nos, antes, aos combates originários entre desvelamento e velamento e entre clareira e velamento. Percebemos que ambos apresentam em comum o velamento. Além da relação de copertinência que já estabelecemos entre eles, que outras considerações ainda podemos fazer para refletirmos sobre a relação entre arte, verdade e ontologia? Enquanto ambos são combates originários que dizem respeito ao dar-se da verdade do ser e do ente, eles são um e o mesmo, mas na medida em que o combate originário aparece como o combate entre velamento e desvelamento e enquanto combate entre clareira e velamento, podemos dizer que são diferentes, porque a clareira é a abertura na qual a verdade acontece como desvelamento do ser e do ente. O combate originário entre clareira e velamento funda o combate originário entre desvelamento e velamento. Como os combates originários aparecem em uma copertença e em uma diferença, podemos afirmar que eles espelham a copertença e a diferença presente na diferença ontológica, visto que a verdade somente desvela-se como acontecimento histórico na clareira, e esta é a abertura que projeta e libera a verdade do ser para o mundo, pois “somente essa clareira nos oferece e garante a nós, homens, uma passagem para o ente que não somos, e um acesso para o ente que nós próprios somos.”⁸ Quer dizer, a arte, enquanto clareira, nos oferece e garante a verdade do homem e do mundo como acontecimento histórico, tornando o ser e o ente epocal.

Que significa o velamento comum aos combates originários? No combate originário entre velamento e desvelamento, o velamento tem o caráter de recusa do dar-se do ser, e no combate originário entre velamento e clareira, o velamento tem o caráter de fechamento, de conservação de si, como não fundamento, para a doação de ser. No entanto, é preciso ressaltar, que o velamento enquanto recusa e fechamento é

⁸ Ibidem, p. 42.

positividade, ele é a contrapartida para que haja doação do ser e acontecimento do ente. Com a finalidade de um melhor esclarecimento sobre a necessidade do velamento para a clareira e para o desvelamento é interessante retomarmos, por um lado, a definição corriqueira de clareira: um espaço sem árvores (clareira) rodeado de mata espessa e escura (velamento) e, por outro lado, a definição vulgar de desvelamento, ou seja, somente aquilo que encontra-se velado pode desvelar-se. A partir dessas definições, observamos que tanto a clareira quanto o desvelamento tornam-se o que são através do velamento. Aí percebemos, facilmente, a positividade inerente ao velamento copertente a clareira e ao desvelamento. Para continuarmos nossa reflexão sobre a relação entre arte, verdade e ontologia no pensamento de Heidegger, devemos lembrar que para ele “a verdade essencializa-se como o combate entre clareira e velamento na contra-posição de Mundo e Terra.”⁹ Novamente, notamos aqui a presença de mais um combate originário atuante nessa reflexão sobre a verdade. Como correlacionamos, anteriormente, os combates originários entre desvelamento e velamento e entre clareira e velamento, acrescentaremos a essa correlação o combate originário entre Mundo e Terra.

3.

Na contra-posição de Mundo e Terra, Mundo significa tanto o lugar no qual o homem constitui-se como o ente que ele mesmo é, ou seja, existência, quanto o lugar no qual o homem descobre os demais entes. O Mundo, enquanto possibilita ao homem a efetivar-se como existência, é a abertura na qual o desvelamento acontece, como projeto que libera homem e mundo para o acontecimento da verdade do ser e do ente. Dessa maneira, a efetivação da existência do homem significa a projeção de seu ser lançado no Mundo que libera modos de ser. Retomando a copertença da imanência e transcendência entre homem e ser, podemos reiterar que a liberação do homem para as suas possibilidades de ser significa que o homem transcende, isto é, se lança em direção ao Mundo através da projeção de sua existência no Mundo. A existência do homem, enquanto transcendência, desvela-se através do projeto como antecipação. O caráter de antecipação do projeto consiste no fato de que o homem tem possibilidades de lançar-se em direção ao Mundo, efetivando a verdade do ser e do ente, na medida em que faz a experiência do ser. Neste viés, o caráter de antecipação do projeto, enquanto

⁹ Ibidem, p. 51.

transcendência, concentra em si o caráter de abertura, no sentido de que a antecipação abre possibilidades para a inauguração de acontecimentos que desvelam os modos de ser do homem e do mundo e institui a verdade do ser e do ente, constituindo assim a historicidade do homem e a história do mundo. A abertura como antecipação que projeta e desvela acontecimentos históricos é o modo essencial de ser do homem. O projeto, em seu caráter de transcendência e antecipação, copertence com a noção de liberdade, enquanto abertura que abre possibilidades de modos de ser para a existência do homem, já que o lança em direção ao mundo. A partir dessas considerações, notamos que o projeto e a liberdade inauguram o aberto do Mundo como desvelamento e, nesse sentido, copertencem com a verdade do ser e do ente. A característica fundamental do Mundo está em possibilitar o desvelamento dos modos de ser do homem e do mundo, fundamentando a verdade e constituindo a historicidade do homem e a história do mundo. “O homem existe para o desvelamento de tal forma que ele aceita a abertura que se abre e surge no seu ser-lançado, em sua relação com o desvelamento, e projeta-se como o receptor inaugurador.”¹⁰

Se na contra-posição de Mundo e Terra, Mundo é abertura e copertence a clareira inerente ao combate originário entre clareira e velamento, então a Terra, por sua vez, caracteriza-se como o velamento, o qual, no combate originário entre Terra e Mundo, tem o sentido de fechamento. Na medida em que a Terra fecha a abertura do Mundo, ela possibilita o contorno e a delimitação da existência do homem e da instituição do mundo em acontecimentos históricos. O Mundo como abertura e a Terra como fechamento constituem o combate originário que expõe a verdade do ser e do ente. O modo que a Terra encontra para combater a abertura do Mundo sustenta-se no velamento, que copertence tanto ao combate originário de desvelamento e velamento quanto ao de clareira e velamento. O fechamento da Terra possibilita assim o contorno dos acontecimentos históricos, a abertura do Mundo e o desvelamento da verdade do ser e do ente. O velamento da Terra, na medida em que possibilita o surgimento do desvelamento, consiste na origem dos acontecimentos que se dão no Mundo. A contra-posição e a copertença de Mundo e Terra, mediante as quais temos o combate entre a abertura do Mundo e o fechamento da Terra, acontecem porque “quanto mais originalmente é o fechar-se da Terra, tanto mais pura é a Terra que se fecha, mais ela

¹⁰ HERRMANN, Friedrich-Wilhelm von. *Heideggers Philosophie der Kunst*. Frankfurt: V. Klostermann, 1980, p. 317.

esconde o Mundo que se abre.”¹¹ Sob esse ponto de vista, a Terra corresponde a origem do Mundo e ao desvelamento da verdade do ser e do ente. Ou seja, o desvelamento enquanto verdade, que expõe os acontecimentos históricos, brota dos combates originários entre Mundo e Terra, desvelamento e velamento e entre clareira e velamento.

Dizemos que a Terra corresponde a origem do Mundo porque na contra-posição experimentada pela Terra e pelo Mundo no combate originário, a Terra caracteriza o Mundo como abertura: o espaço aberto e livre que se deixa fechar no contorno inaugural dos acontecimentos históricos; e o Mundo, enquanto a abertura fundada pela Terra, caracteriza a Terra como fechamento e velamento, dos quais brotam a verdade do ser e do ente. Por este motivo, dizemos que a verdade é originária do combate entre Mundo e Terra. Na medida em que do fechamento da Terra origina-se a verdade, enquanto desvelamento que se lança para a liberdade que projeta o ser para o Mundo, inaugurando e instituindo acontecimentos históricos, podemos considerá-lo como criação, visto que é próprio da criação inaugurar e instituir acontecimentos. Partindo desse pressuposto, podemos inferir que o fechamento da Terra consiste na criação, já que a Terra inaugura modos de ser, devido ao seu caráter de instituição do contorno dos acontecimentos do Mundo e da verdade do ser e do ente. Nessa perspectiva, podemos avançar um pouco mais em nossa reflexão e afirmar que o acontecimento da verdade, originário da Terra como criação, copertence ao desvelamento originário do combate entre Mundo e Terra. Porém, esta afirmação remete-nos para a seguinte inferência: a verdade do ser e do ente origina-se da criação como fechamento, ou seja, da criação brota o contorno que mostra isto que o ente é enquanto tal. Dessa maneira, a criação fecha o Mundo em um contorno, que constitui o desvelamento dos entes em acontecimentos históricos.

A partir dessas considerações e retomando a reflexão que fizemos sobre a copertença da imanência e transcendência entre fundação e fundamentação e entre verdade e não-verdade, podemos, nesse momento, correlacionar a criação com a noção de abismo enquanto o não-fundamento e com a de liberdade enquanto o aberto livre para as possibilidades de ser do homem e do mundo. Por quê? Pelo fato de o abismo e a

¹¹ Ibidem, p. 175.

liberdade caracterizarem-se como instâncias que possibilitam a fundação da verdade. Logo, dizemos que do abismo e da liberdade brotam acontecimentos do ser e do ente, ou seja, a partir do abismo e da liberdade origina-se a constituição ontológica dos acontecimentos históricos. Se de fato a criação tem o caráter de abismo e de liberdade, então ela também projeta ser e ente para o desvelamento de sua verdade; o qual é inerente ao combate originário que diz respeito a copertença da imanência e transcendência entre homem e ser, verdade e não-verdade e entre fundação e fundamentação: o combate originário entre desvelamento e velamento.

A criação assim como o fechamento e velamento da Terra apresentam-se como modos característicos dos combates originários entre clareira e velamento, desvelamento e velamento e Mundo e Terra, originários da imanência e transcendência entre fundação e fundamentação, homem e ser e entre verdade e não-verdade, combates que têm o caráter de projetar e liberar a verdade do ser e do ente como acontecimentos históricos. A criação, enquanto projeto e liberdade, possibilita a doação da verdade como desvelamento. Assim compreendida, a criação apresenta-se como a fundação dos acontecimentos de ser e ente, ou seja, como o fundamento de tudo isto que é. A criação é o fundamento da historicidade do homem e da história do mundo, porque enquanto projeto, a criação desvela e libera o contorno dos acontecimentos históricos como verdade do ser e do ente. A reflexão sobre a copertença do combate originário entre desvelamento e velamento com o combate originário entre clareira e velamento possibilitou-nos a reflexão sobre o combate originário entre Mundo e Terra, no qual a Terra, enquanto criação, inaugura os acontecimentos históricos e o Mundo, enquanto abertura, acolhe o desvelamento dos entes em seu ser. Do combate originário entre a abertura do Mundo e o fechamento da Terra, temos que a criação constitui o contorno dos acontecimentos históricos, ou melhor, a reflexão sobre os combates originários permitiu-nos chegar a uma concepção singular de criação, qual seja, a criação caracteriza-se pela possibilidade de encerrar o desvelamento dos acontecimentos históricos em um contorno que constitui as perspectivas do sentido para ser e ente. A fundação dos acontecimentos históricos constituídos na criação origina-se do contorno pertencente ao combate originário entre Mundo e Terra, o qual fundamenta-se na copertença da imanência e transcendência entre verdade e não-verdade, que por sua vez, copertence a imanência e transcendência entre fundação e fundamentação. A nossa reflexão sobre os combates originários entre clareira e velamento e entre Mundo e Terra

evidenciou que a criação tem o caráter de liberdade, na concepção de abismo como não-fundamento, desse modo, a criação projeta o ser para o mundo, inaugurando acontecimentos históricos e constituindo a verdade como contorno dos entes. A correlação dos combates originários entre clareira e velamento e entre Mundo e Terra, implica em que o desvelamento consiste na abertura do Mundo como perspectivas de sentido que a criação projeta e libera como acontecimentos históricos e o velamento consiste no fechamento da Terra enquanto o contorno que funda a verdade do ser e do ente. Isto é, o desvelamento do Mundo é um lançar-se no abismo da Terra. No velamento, modo próprio da Terra, origina-se o projeto que libera e inaugura, através da criação, a verdade de ser e ente como desvelamento dos acontecimentos históricos. Portanto, a verdade, na medida em que desvela acontecimentos históricos, origina-se da liberdade, que abre e projeta as perspectivas de sentido para as possibilidades de ser do homem e do mundo. Estabelecemos, anteriormente, uma relação entre verdade e liberdade; porém como a verdade e a liberdade relacionam-se com a criação? A verdade e a liberdade originam-se da criação, porque a criação é a abertura que possibilita o desvelamento dos acontecimentos enquanto verdade do ser e do ente, nesse sentido a criação efetiva e comunica o contorno dos acontecimentos históricos. Sendo assim a criação consiste no contorno que funda e constitui a verdade de ser e ente. A partir dessas considerações, como podemos, então, definir a arte no pensamento de Heidegger?

Partimos da reflexão sobre a copertença da imanência e transcendência entre fundação e fundamentação, homem e ser e entre verdade e não-verdade, para mostrarmos o pensamento de Heidegger sobre a arte, porque essa tematização desembocaria, necessariamente, no estabelecimento dos combates originários entre desvelamento e velamento, Mundo e Terra e entre clareira e velamento. A discussão sobre os combates originários era essencial para a nossa reflexão sobre a arte porque “o combate, em Heidegger, não significa agitação. Paradoxalmente, é o repouso fundamental que se estabelece na obra de arte.”¹² O combate, na obra de arte, é o repouso fundamental porque reflete e espelha a verdade de um povo histórico. Tratamos da copertença da imanência e transcendência entre fundação e fundamentação, porque nela acontece o combate originário entre clareira e velamento; da copertença da imanência e

¹² SADZIK, Joseph. *Esthétique de Martin Heidegger*. Paris: Editions Universitaires, 1963, p. 192.

transcendência entre homem e ser, porque dela surge o combate originário entre desvelamento e velamento do ser e por fim da copertença da imanência e transcendência entre verdade e não-verdade, porque ela expõe o combate originário entre Mundo e Terra. A reflexão sobre tais copertenças e os combates originários inerente a elas permitiu-nos estabelecer a relação entre verdade e ontologia com a arte e a criação, pois “sempre que o ente em totalidade enquanto o próprio ente exige a fundação na abertura, a arte chega a sua essência histórica”¹³, isto significa que a arte tem o caráter de instituir o contorno e a delimitação dos acontecimentos históricos. Enquanto a arte traça o contorno dos acontecimentos, ela abre possibilidades para o desvelamento de homem e ser em direção ao mundo, possibilitando-lhes o advento de sua verdade. Por isto, a arte, enquanto abertura para a efetivação dos acontecimentos históricos, tem o caráter de doação, visto que concede a verdade ao ser e aos entes e estabelece a copertença do homem ao ser e de ambos ao mundo. “A arte é histórica e enquanto tal ela é a conservação criadora da verdade na obra.”¹⁴ Esta afirmação de Heidegger leva-nos a nossa reflexão anterior: a Terra, enquanto fechamento, é criação no sentido em que a criação conserva em si a verdade, que expressa os acontecimentos históricos do mundo. Partindo desse ponto de vista, podemos acrescentar que a criação consiste na retirada da não-verdade do velamento e na doação da verdade como desvelamento do ser e do ente enquanto modos de ser do homem e do mundo. Portanto, esse caráter da criação expressa e comunica a verdade e inaugura épocas. Como afirmamos que a arte é histórica e que a criação inaugura épocas, podemos então concluir que a arte é criação na perspectiva em que desvela a verdade como acontecimento do mundo. Dessa maneira, a arte comunica o sentido de uma época histórica e espelha os modos de ser do homem e do mundo. Dentro dessa concepção, “a arte de hoje corresponde ao mundo científico”¹⁵, visto que nossa época histórica é determinada pela cientificidade enquanto tecnologia, informática e cibernética. Em muitas das produções artísticas de nossa época é visível a recorrência a tecnologia digital, a computação gráfica, a construção de novos materiais, de novas formas de visualização e sonorização. Assim podemos dizer que a arte, no pensamento de Heidegger, é co-originária com a verdade, pois desvela os modos de ser do homem e do mundo e, por esta razão, encontra-se intimamente correlacionada com a ontologia.

¹³ HEIDEGGER, M. Der Ursprung des Kunstwerkes, p. 63.

¹⁴ Idem, Ibidem, p. 64.

¹⁵ Idem, Die Herkunft der Kunst und die Bestimmung des Denkens (1967). [S.l.: s.n.], p. 15.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, M. *Schelling: vom Wesen der menschlichen Freiheit (1809)*. Frankfurt: V. Klostermann, 1988.

_____. *Parmênides*. Frankfurt: V. Klostermann, 1982.

_____. *Holzwege*. Frankfurt: V. Klostermann, 1963.

_____. *Die Kunst und der Raum*. Erker, 1969.

_____. *Die Herkunft der Kunst und die Bestimmung des Denkens (1967)*. [S.l.: s.n.].

HERRMANN, Friedrich-Wilhelm von. *Heideggers Philosophie der Kunst*. Frankfurt: V. Klostermann, 1980.

_____; BIEMEL, Walter. *Kunst und Technik*. (Herausgegeben). Frankfurt: V. Klostermann, 1989.

LOTZ, J. B. *Martin Heidegger et Thomas D'Aquin*. Paris: PUF, 1988.

PÖGGELER, Otto. *Die Frage nach der Kunst: von Hegel zu Heidegger*. Freiburg/München: Karl Alber, 1984.

SADZIK, Joseph. *Esthétique de Martin Heidegger*. Paris: Editions Universitaires, 1963.